

APRESENTAÇÃO

MITOS DE ORIGEM NA HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS

OU

DO CORTE EPISTEMOLÓGICO

(...) uma ciência não é o produto de um único homem.
Galileu é o efeito, e não a causa, do corte epistemológico
que se designa pelo termo “galileísmo”.
(PÊCHEUX E BALIBAR, *Définitions*, 1969, p. 11)

O que Pêcheux e Balibar afirmam sobre o nome de Galileu e o “galileísmo” para a Física pode ser pensado em relação aos nomes de Saussure ou de Chomsky para a Linguística. Os efeitos de ruptura tomados como a sua causa fazem com que a história da Linguística seja percorrida como gestos de autores, e não na conjuntura que os possibilita ou os promove. Inspirado no texto *Définitions*, introdução de Pêcheux e Balibar ao livro **Sur l’histoire des sciences**¹ (PÊCHEUX E FICHANT, 1969), o tema deste número da *Fragmentum* propõe pensar, a partir de uma tomada de posição materialista, os tantos começos nos estudos da linguagem.

Nas definições propostas por Pêcheux e Balibar, a ideia de começo é fundamental. Analisando a Física, os autores consideram o corte epistemológico como o ponto de não-retorno a partir do qual a ciência começa. Falar de começo, e não de origem, significa que o corte constitutivo de uma ciência se efetua

necessariamente em uma conjuntura definida, na qual as origens (as filosofias e as ideologias teóricas que definem o espaço de problemas) sofrem um deslocamento na direção de um novo espaço de problemas (PÊCHEUX E BALIBAR, 1969, p. 9).

¹ BALIBAR, Étienne; PÊCHEUX, Michel. *Définitions*. In: FICHANT, Michel; PÊCHEUX, Michel. **Sur l’histoire des sciences**. Paris: François Mâspero, 1969.

Na formação da conjuntura na qual se produzirá o corte epistemológico, intervêm, segundo modalidades historicamente reguladas: as relações de produção e o processo de produção econômico, a superestrutura jurídico-política da sociedade e as ideologias práticas (tal como definidas por Althusser), como a moral e a religião: “é a condensação desses elementos que determina as condições históricas do corte” (PÊCHEUX E BALIBAR, 1969, p. 10).

Nesse processo de formação, acontecem demarcações, aperfeiçoamentos, correções, críticas, negações de filosofias ou ideologias anteriores. Por isso, é preciso levar em conta alguns efeitos que identificam o corte epistemológico: tornar impossíveis certos discursos ideológicos ou filosóficos que o precedem; operar validações, invalidações ou segregações nas filosofias implicadas na conjuntura em que tem lugar; determinar uma autonomia relativa da nova ciência que corresponde a ele.

Os artigos que compõem este número partem de uma posição materialista na compreensão da História das Ideias Linguísticas. Eles trazem como objetos de reflexão gestos anteriores à Linguística, gestos que contribuem para a sua a legitimação como ciência ou disciplina, o entremeio que a interroga (a AD), os modos de apreensão dos seus objetos: a língua e a linguagem. Eles nos permitem pensar a conjuntura de autores, conceitos, noções e trabalhar sua relação com o processo de formação dos cortes epistemológicos e com os efeitos desses cortes, mas também com as contradições que tornam complexa a análise das conjunturas dos Estudos da Linguagem e da Linguística.

História das Ideias Linguísticas e Análise do Discurso: o corte epistemológico parte da observação feita por Pêcheux sobre a particularidade da Linguística enquanto Ciência Humana: ela define um objeto próprio, mas não necessariamente dá continuidade ao espaço de problemas que vem com a definição do objeto. Refletindo sobre a concepção de *história* e de *ciência* na Análise do Discurso e na História das Ideias Linguísticas, Baldini, Ribeiro e Ribeiro apontam sua não-homogeneidade entre diferentes autores, tomam posição entre os autores discutidos e propõem questões para compreender o “efeito-Saussure” na linguística contemporânea.

Toda História Começa in media res: Nietzsche e as Ciências da Linguagem interroga a presença de Nietzsche nas ciências da linguagem. “Sob que condições pode Nietzsche ser filiado à História das Ideias Linguísticas? O que condiciona a possibilidade da presença de Nietzsche neste domínio? Que condições possibilita Nietzsche na Linguística?”. Essas perguntas

permitem a Machado percorrer o pensamento de Sapir e Pêcheux, entre outros, e questionar o lugar do acaso na História das Ideias.

Entre a palavra divina de São Tomás de Aquino e a palavra humana de Wilhem von Humboldt há aproximações históricas possíveis? *Em Os Pilares da Cristandade: Historiografia do Conceito de Palavra de Tomás de Aquino a Wilhelm von Humboldt*, Tossin percorre os dois autores e pontua diferenças e semelhanças entre a palavra como categoria de explicação da linguagem humana e como representação da voz divina.

As revistas científicas têm papel fundamental, particularmente a partir do século XX, na constituição e legitimação das ciências. Em *As Revistas Científicas e a Disciplinarização dos Estudos Linguísticos no Brasil*, Schneiders analisa a *Revista Brasileira de Filologia*, que circulou entre 1955 e 1961 no país. A autora mostra que, mesmo trazendo a Filologia como domínio de conhecimento indicado no nome, esta publicação é fundamental para a circulação de saberes produzidos no interior da Linguística.

A presença da língua portuguesa do Brasil como objeto de ensino na universidade alemã é objeto da reflexão de *A Brazilianística como um Campo de Estudos Alemão sobre o Brasil e sua Língua*. Stahlhauer analisa o modo como vão se constituindo no espaço de formação universitária alemã saberes sobre a língua e, por meio dela, sobre o país e sobre o sujeito brasileiro, especialmente na relação entre as disciplinas Brazilianística e Lusitanística.

Júlio Ribeiro, Autor Fundador? busca compreender como se constrói a imagem de Júlio Ribeiro como um autor fundador na história dos estudos gramaticais e linguísticos no Brasil. Aquino questiona os critérios que são empregados para identificar o autor da *Grammatica Portuguesa* (1881) como ponto de origem na gramatização do português e na constituição das ideias linguísticas no país.

Em *Nossas Línguas São Crioulas Ou “A” Língua Não Há: Mito? Verdade? Ou Interpretação?*, Castello Branco reflete sobre as relações entre línguas no Cabo Verde e problematiza o conceito sociolinguístico de *língua crioula* enquanto atualização da memória do mito da língua de origem, pura, que silencia relação conflitual entre unidade/diversidade.

Sobre a Noção de Práticas Linguageiras: Lugares de Emergência, Filiações e Fronteiras propõe um olhar sobre as linhas de demarcação das *práticas linguageiras*, tomadas na relação entre objeto real e objeto de conhecimento em diferentes autores. Se a linguagem é uma prática, como os estudos da linguagem têm compreendido essa prática? É o que o artigo de Rasia nos ajuda a pensar, mostrando as diferenças na caracterização das *práticas*

linguageiras em perspectivas linguísticas que levam em conta a tomada da palavra pelos sujeitos.

A tese *Lógica e Formalização na Semântica de Ducrot: Um Estudo em História das Ideias Linguísticas* foi defendida em 2018 no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Massad Castro se dedica a uma ideia – a de formalização – que tem parte decisiva nas dissensões epistemológicas no interior da Linguística e da reflexão sobre a linguagem. Essa ideia é observada na tese em um artigo alterado e republicado em dois momentos por Oswald Ducrot, no qual o autor assume uma posição acerca da relação entre Linguística e Lógica fundamental para a constituição das bases de sua Semântica linguística. Agradecemos a Soeli Schreiber da Silva, docente da Universidade Federal de São Carlos, pelo resumo da tese.

Agradecemos às autoras e autores que aceitaram o desafio de pensar as ideias linguísticas a partir de um gesto de leitura do texto de Pêcheux e Balibar e contribuíram para a reflexão histórica sobre os começos da Linguística e da reflexão sobre a linguagem.

Sheila Elias de Oliveira (UNICAMP)

Claudia Freitas Reis (IFSP – Campus Araraquara)

DOI: 10.5902/2179219436971